

CADERNOS DE ARQUITECTURA

O PROBLEMA DA
CASA PORTUGUESA

POR
FERNANDO TÁVORA

LISBOA

1947

shj

estético ou formal. Uma Architectura tem qualquer coisa de cada um porque ela representa todos, e exactamente será grande, forte, viva na medida em que cada um possa rever-se nela como um espelho denunciador das suas qualidades e defeitos. A colaboração será da maior parte para que o resultado possa satisfazer a todos; impõe-se um trabalho sério, conciso, bem orientado e realista, cujos estudos poderiam, talvez agrupar-se em três ordens:

a) do meio português; b) da Architectura portuguesa existente; c) da Architectura e das possibilidades da construção moderna no mundo.

a) No estudo do meio português deveríamos atender aos dois elementos fundamentais, o Homem e a Terra, no seu presente e no seu desenvolvimento histórico, influindo-se mutuamente e condicionando toda a Architectura que dentro da verdade portuguesa pretenda edificar-se. São eles os factores decisivos a estudar pormenorizadamente em todas as manifestações e possibilidades e naquilo em que directamente possam interessar a Architectura.

Variam as condições, é diferente a circunstância portuguesa, os homens de hoje não são iguais aos de ontem nem os meios de que eles se servem para se deslocar ou viver, como diferentes são ainda as suas ideias sociais, políticas ou económicas. Sendo tão forte o grau destas variações, porque não hão-de ser outras, muito outras, as soluções a encontrar para os portugueses de hoje? Para quê teimar em permanecer, quando tudo nos convida para um caminho diferente?

b) O estudo do Architectura portuguesa, ou

O PROBLEMA DA CASA PORTUGUESA

da construção em Portugal, não está feito. Alguns Arqueólogos escreveram e trataram já das nossas casas, mas, do que deles conhecemos, nenhum deu sentido actual ao seu estudo tornando-o elemento colaborante da nova Architectura. O passado é uma prisão de que poucos sabem livrar-se airoso e produtivamente; vale muito, mas é necessário olhá-lo não em si próprio mas em função de nós próprios.

E' indispensável que na história das nossas casas antigas ou populares se determinem as condições que as criaram e desenvolveram, fossem elas condições da Terra, fossem elas condições do Homem, e se estudem os modos como os materiais se empregaram e satisfizeram as necessidades do momento. A casa popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções. Hoje estuda-se pelo seu «pitoresco» e *estiliza-se* em exposições para nacionais e estrangeiros: nada há a esperar desta atitude que conduz ao beco sem saída da mais completa negação a que poderia ter-se chegado.

c) Somos homens duma época, trágica talvez, muito triste porventura, decadente mesmo, mas na qual nem tudo é decomposição e ruína, não se alimentando exclusivamente de restos deixados por outros tempos. Na Architectura contemporânea não é difícil entrever já uma prometedora solidez; surge um carácter novo das condições novas e porque essas condições nos afectam também a nós é nela que devem entroncar-se a Architectura portuguesa sem receio

de que perca o seu «carácter». A individualidade não desaparece como o fumo e se nós a possuímos nada perderemos em estudar a Architectura estrangeira, caso contrário será inútil ter a pretensão de falar em Architectura portuguesa. Não é justo nem razoável que nos fechemos, numa ignorância procurada, às obras dos grandes mestres de hoje, aos novos procesos de construção, a toda uma Architectura que surge plena de vitalidade e de força.

Percorrem-se as nossas cidades, visitam-se campos e aldeias, procura-se por todo o lado uma expressão nova na nossa Architectura e a conclusão é sempre igual e sempre a mesma: em Portugal, hoje, não se faz Architectura e, pior ainda, entre nós não pretende sequer fazer-se Architectura.

A situação admite apenas a alternativa, ou seguir em frente, ou estagnar no caos em que os encontramos. Perante este dilema decidimos optar pela primeira posição, com a esperança firme de que ela é a única possível para aqueles que nasceram para aumentar ao passado algo de presente e algumas possibilidades de futuro, para aqueles para quem viver é criar alguma coisa de novo, não pelo desejo estúpido de ser diferente, mas pela imperiosa determinação da vida que não admita qualquer paragem ou qualquer estagnação sob pena de que a posteridade nos não perdoe.

Será leviano pensar-se, e foi esse um dos erros dos criadores da *Casa à antiga portuguesa*, que a nova Architectura surgirá em poucos anos e todos os problemas se hão-de resolver de um dia para o outro. É impossível, para os

O PROBLEMA DA CASA PORTUGUESA

homens de hoje, poderem ver o resultado completo dos seus esforços; porém as grandes obras e as grandes realidades pertencem não a indivíduos, mas a uma comunidade constituída não só pelos presentes como pelos que hão-de vir, e dentro deste espírito ficaremos contentes em saber que as gerações vindouras obterão as soluções que sonhamos e para as quais colaboramos, sem no entanto ter o prémio da sua completa realização.

1.500 ex. — Comp. e imp. na «Imprensa Libânio da Silva»
Travessa do Fala-Só, 24 — Lisboa

CADERNOS DE ARQUITECTURA

SÉRIE I

- 1— O PROBLEMA DA CASA PORTUGUESA.
- 2— OS CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE ARQUITECTURA MODERNA.
- 3— PEQUENA ANTOLOGIA DE LE COBURSIER.

Pedidos para :

Rua das Trinas, 59, 5.º-Esq. — Lisboa

Distribuição às livrarias :

EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, L.^{DA}
Largo Trindade Coelho, 9-2.º, Lisboa

Preços :

Série de 3 cadernos	5\$00
Caderno avulso	2\$00

Arquitectura é a arte de fazer coincidir as formas de uma civilização com o seu conteúdo.

W. LESCAZE

CADERNOS DE ARQUITECTURA N.º 1

**ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO DE
MANUEL JOÃO LEAL**

Shi

O PROBLEMA DA CASA PORTUGUESA

Por Fernando Távora

*O País constrói. O País constrói muito.
O País constrói cada vez mais.*

Levantam-se casas, fábricas, escolas — nas cidades, nas vilas, nas aldeias. Mas fica-se cheio de dor ao verificar que essa enorme actividade construtiva tem resultado falseada na sua expressão architectónica.

Os processos de construção, no aspecto técnico como no financeiro, vão adaptando-se, embora custosamente, às necessidades. Mas o estilo «nascido do Povo e da Terra com a espontaneidade e a vida duma flor», o «carácter novo das condições novas» — esses não aparecem. Preconceitos básicos têm viciado as tentativas mais bem intencionadas para os fazerem surgir.

Todavia, um caminho não foi ainda trilhado: o que é apontado no presente ensaio, precisamente o único que pode levar ao florescimento de uma arquitectura portuguesa viva. O seu autor, Fernando Távora, finalista de Architectura na Escola de Belas Artes do Porto, aponta, com coragem e convicção, os erros do presente e os caminhos do futuro.

«Impõe-se um trabalho sério, conciso, bem orientado e realista», animado por um espírito novo. «Tudo há que refazer, começando pelo princípio».

O presente ensaio foi primeiramente publicado no semanário ALÊO em 10 de Novembro de 1945. É esse artigo, agora refundido e aumentado pelo autor, que inaugura com propriedade a publicação dos CADERNOS DE ARQUITECTURA.

ARQUITECTURA E ARQUEOLOGIA

Sentia-se nos fins do séc. XIX e princípios do actual que a architectura portuguesa estava perdendo o que hoje convencionalmente se chama *carácter*; o aspecto porventura decadente que entre nós se manifestava era apenas um reflexo do que se ia passando em toda a Europa nesse período tremendo, talvez indeciso e certamente demolidor ao mesmo tempo que criador de algumas soluções que nós já aproveitámos e melhores dias consagrarão. O problema apresentava-se aos Architectos e sobretudo aos Estetas como muito grave, pois assistiam ao desaparecimento de formas velhas e consagradas sem que contra ele pudesse reagir com movimentos que viessem, senão resolver, pelo menos diminuir a crise que avassaladoramente alastrava. O romantismo ainda latente nesses espíritos determinou que fossem procurar no passado todas as lições para a solução do seu problema e ei-los armados da História, ei-los armados de uma falsa interpretação da Architectura antiga para resolverem questões bem presentes e bem vivas. O estudo muito superficial da nossa Architectura passada e, na

prática, o emprego sem nexos e sem lógica de algumas formas dessa mesma Architectura, eis a terapêutica aplicada para curar o mal. Uma grave doença era tratada por meio de uma doença ainda mais grave e da louvável intenção dos reformadores nasceu uma triste realidade. A *Casa à Antiga Portuguesa* que, dentro da Architectura civil é filha dessa arqueológica orientação, não introduziu em Portugal qualquer coisa de novo, pelo contrário, veio atrasar todo o desenvolvimento possível da nossa Architectura (*).

Enquanto lá fora se lançavam as bases da chamada Architectura Moderna, diremos antes, da única Architectura que poderemos fazer sinceramente, os Architectos portugueses que orientavam as suas actividades no desejo inglório de criar uma Architectura de carácter local e independente, mas de todo incompatível com o pensar, sentir e viver do mundo que a rodeava. Era, pode dizer-se, uma Architectura de arqueólogos e nunca uma Architectura de architectos. Os grandes problemas, certamente mais por culpa da época do que dos homens, não foram estudados e, outra coisa não era de prever, as soluções satisfatórias não surgiram, antes, se

(*) Cremos que não é necessário definir o que entendemos por *Casa à Antiga Portuguesa* pois, infelizmente, qualquer dos leitores liga a estas palavras um tipo de casa, com certas características próprias, certo amaneiramento e doçura de formas, grande quantidade de pormenores inúteis de que resulta um excessivo pitoresco, uma completa ausência de dignidade e nenhuma noção das realidades do nosso mundo.

O PROBLEMA DA CASA PORTUGUESA

existia um princípio de caos, ele foi aumentado trágicamente, com mais um «estilo» que será muito difícil de banir da nossa Architectura. Qualquer estilo nasce do Povo e da Terra com a espontaneidade e vida de uma flor; e Povo e Terra encontram-se presentes no estilo que criaram com aquela ingenuidade e aquela inconsciência que caracterizam todos os actos verdadeiramente sentidos, sejam eles de um homem ou de uma comunidade, de uma vida ou de muitas gerações. Era pois ausente de qualquer sentido vivo e verdadeiro a reacção dos criadores da *Casa à antiga portuguesa*.

FALSA ARQUITECTURA

Por estranhos raciocínios estabeleceu-se (é o termo) que a nossa architectura «tradicional» era caracterizada por um determinado número de motivos decorativos cuja aplicação seria suficiente para produzir casas portuguesas. Surgiu daqui uma nova forma de academismo, entendendo-se por tal atitude de espírito aquela para a qual a Arte pode codificar-se em formas eternas, segundo regras fixas e imutáveis. Esses homens que tanto acreditaram e tanto se prenderam com a História não souberam colher dela qualquer fruto, pois a História vale na medida em que pode resolver os problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão.

CADERNOS DE ARQUITECTURA

A Architectura não pode nem deve submeter-se a *motivos*, a pormenores mais ou menos curiosos, a bisantinices arqueológicas. Esqueceram e esquecem ainda os autores dessas «Casas à portuguesa» que as formas tradicionais de toda a arte de edificar não representam capricho decorativo ou manifestação barroca. De início, e aí com o seu verdadeiro sentido, as formas architectónicas resultam das condições impostas ao material pela função que é obrigado a desempenhar e ainda de um espírito próprio daquele que age sobre o mesmo material. Daí que em toda a boa Architectura exista uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias.

Ora, nada disto produziu o movimento da «Casa Portuguesa», ao qual, podemos afirmá-lo sem receio, presidiu a mentira architectónica que caracteriza as más obras e os maus artistas. Se as sociedades e os homens condenam a mentira, é paradoxal — mas significativo — que esteja a proteger-se um conceito de Architectura que é falso, que não corresponde a qualquer verdade portuguesa e que como tal deveria banir-se inteiramente do mesmo modo que se procura eliminar da sociedade todo o elemento que, por mentiroso, lhe é prejudicial. Podemos dizer que há uma ética na Architectura e se o Homem é a unidade da escala que a mede, devem exigir-se a ela as mesmas qualidades que todos exigimos ao verdadeiro Homem, donde ainda a conclusão de que proteger o actual conceito de

O PROBLEMA DA CASA PORTUGUESA

«Casa portuguesa» é legalizar a mentira, e a sociedade que assim procede, em qualquer das suas formas activas, é sociedade falhada.

PARA UMA ARQUITECTURA PORTUGUESA DE HOJE

Referimo-nos aos perigos que o passado constituiu para a solução dos problemas em causa, atendendo sobretudo à maneira como se usou desse mesmo passado. As casas de hoje terão de nascer de nós, isto é, terão de representar as nossas necessidades, resultar das nossas condições e de toda a série de circunstâncias dentro das quais vivemos, no espaço e no tempo. Sendo assim, o problema exige soluções reais e presentes, soluções que certamente nos levarão a resultados bem diferentes dos conseguidos até agora na Architectura portuguesa.

Abrem-se perante nós, novos ou velhos armados de um espirito novo, horizontes vastíssimos, campos férteis de possibilidades, pois tudo há que refazer *começando pelo princípio*. É tão grande a obra a empreender que, na verdade, pode perguntar-se se a consciência do seu vulto não convidará imediatamente a desistir.

Todos podemos colaborar e é errado pensar que apenas aos architectos compete a resolução do caso, ou ainda que o problema é meramente